



A BRUXA

UMA REVISTA DE BIOLOGIA CULTURAL

www.revistaabruxa.com

ISSN 2594-8245

Volume 9

setembro 2025



9

Santos, D. 2025. Por onde andam os ipecus? Uma análise da iconografia dos pica-paus na cultura brasileira **A Bruxa 9(9):** 108-119.



Por onde andam os ipecus? Uma análise da iconografia dos pica-paus na cultura brasileira

Daubian Santos

Centro de Ciências Naturais e Humanas, Laboratório de Sistemática e Diversidade,
Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil
daubians@gmail.com

RESUMO

Pica-paus são facilmente reconhecidos. Apesar disso, essas características aves estão proporcionalmente bem ausentes na cultura brasileira. Neste trabalho, analisamos sua presença em diversas áreas como músicas, nomes de ruas, mascotes de clubes, lendas e imagens. Ao final, fica o alerta para a necessidade de se incorporar mais espécies nativas no imaginário popular brasileiro.

Palavras-chave: aves; Brasil; carapina; Picidae; zoologia.

ABSTRACT

Where Are the Ipecus? An Analysis of Woodpecker Iconography in Brazilian Culture

Woodpeckers are easily recognizable birds. Nevertheless, these distinctive birds are relatively absent from Brazilian culture. In this study, we analyze their presence across various areas such as music, street names, sports mascots, folklore, and imagery. In conclusion, we highlight the need to incorporate more native species into Brazilian popular imagination.

Keywords: birds; Brazil; carapina; Picidae; zoology.

INTRODUÇÃO

Pica-paus são aves da família Picidae, ordem Piciformes. Seu jeito característico e particular modo de vida fazem dessas aves seres marcantes para as pessoas. Em termos morfológicos, por exemplo, são marcantes por terem patas com dois dedos voltados para frente e dois para trás (zigodactilia), um poderoso bico e uma longa língua. Presentes desde o Eoceno (FEDUCCIA & MARTIN, 1976), existem atualmente 238 espécies (GILL *et al.*, 2021), estando a família distribuída no mundo todo, exceto na Australásia, em Madagascar e na Antártica. O Brasil contribui com uma grande parcela dessa diversidade, com 59 espécies de pica-paus de uma grande diversidade de tamanhos e cores, sendo o grupo distribuído por todos os estados do território nacional (WIKIAVES, 2025b).

Eles normalmente necessitam de ambientes com árvores, mas convivem em áreas urbanas até mesmo de grandes metrópoles, embora pica-paus não sejam das espécies mais comuns (BOCK & LEPTHIEN, 1975). Necessitam de árvores com uma diversidade de idades e em um bom estado (MCCLELLAND & MCCLELLAND, 1999), podendo ser parâmetros de indicação do estado de conservação. Também é importante a presença de uma comunidade de insetos necessários à sua sustentação, o que cada vez é mais raro dado ao declínio dos componentes entomofaunísticos (RAVEN & WAGNER, 2021). Sua sensibilidade à poluição e uso de árvores velhas entra em confronto com necessidades civis e podem representar ameaças à sua conservação. Mas ainda mais notável que a sua baixa frequência nos ecossistemas é a sua aparente ausência no imaginário popular do Brasil.

TERRA BRASILIS

Embora na língua portuguesa eles sejam conhecidos como pica-paus, há outros nomes comuns para



essas aves. Eles são referidos, por exemplo, em Tupi como *ipe'ku* (que se traduz livremente como “come-madeira”), sendo tal termo adaptado para “ipecu” na língua portuguesa. Algumas espécies ganham um epíteto adaptado da linguagem Tupi. Por exemplo, o pica-pau-de-banda-branca [*Dryocopus lineatus* (Linnaeus, 1766)] também é conhecido como ipecuacamirá, adaptação de *ypeku-akã-mirá*, e o pica-pau-barrado [*Celeus undatus* (Linnaeus, 1766)] também é conhecido por ipecupinima, adaptação de *ypeku-pinima*. O termo, entretanto, não é exclusivo aos membros da família Picidae. O chamado ipecuá [*Thamnomanes caesius* (Temminck, 1820)], também conhecido por uirapuru-de-bando, é da família Thamnophilidae (Passeriformes). Os nomes populares das espécies brasileiras estão sintetizados na Tabela 1.

Tabela 1. Espécies de pica-pau do Brasil (adaptado de WIKIAVES, 2025c).

Nome científico	Nome popular
<i>Campephilus leucopogon</i> (Valenciennes, 1826)	pica-pau-de-barriga-preta
<i>Campephilus melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-topete-vermelho; pica-pau-de-garganta-preta; pica-pau-bico-de-marfim
<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1818)	pica-pau-rei; pica-pau-de-cabeça-vermelha; pica-pau-galo; pica-pau-grande; pica-pau-soldado; pinica-pau
<i>Campephilus rubricollis</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-de-barriga-vermelha; pica-pau-de-penacho; uari
<i>Celeus elegans</i> (Statius Muller, 1776)	pica-pau-chocolate
<i>Celeus flavescens</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-cabeça-amarela; cabeça-de-velho; João-velho; pica-pau-amarelo; pica-pau-loiro; pica-pau-velho; pica-pau-cabeça-de-fogo
<i>Celeus flavus</i> (Statius Muller, 1776)	pica-pau-amarelo
<i>Celeus galeatus</i> (Temminck, 1822)	pica-pau-de-cara-canela; pica-pau-de-cara-amarela
<i>Celeus lugubris</i> (Malherbe, 1851)	pica-pau-louro
<i>Celeus obrieni</i> Short, 1973	pica-pau-da-taboca; pica-pau-do-parnaíba
<i>Celeus ochraceus</i> (Spix, 1824)	pica-pau-ocráceo
<i>Celeus spectabilis</i> Sclater & Salvin, 1880	pica-pau-lindo
<i>Celeus torquatus</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-de-coleira
<i>Celeus undatus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-barrado; picapauzinho-chocolate; pica-pau-escamoso; ipecupinima
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-do-campo; chanchã; picochanchã; pica-pau-chanchã
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-verde-barrado; pica-pau-carijó
<i>Colaptes punctigula</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-de-peito-pontilhado
<i>Colaptes rubiginosus</i> (Swainson, 1820)	pica-pau-oliváceo
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-de-banda-branca; ipecuacamirá; pica-pau-de-topete-vermelho; pica-pau-do-grande
<i>Melanerpes cactorum</i> (d'Orbigny, 1839)	pica-pau-de-testa-branca
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	pica-pau-branco; birro; cri-cri
<i>Melanerpes cruentatus</i> (Boddaert, 1783)	benedito-de-testa-vermelha; pica-pau-de-barriga-vermelha; ipecumirim
<i>Melanerpes flavifrons</i> (Vieillot, 1818)	benedito-de-testa-amarela; benedito; bereré; goleleim; pica-pau-de-fronte-amarela; pica-pau-do-mato-argem; rididico
<i>Piculus aurulentus</i> (Temminck, 1821)	pica-pau-dourado
<i>Piculus capistratus</i> (Malherbe, 1862)	pica-pau-de-garganta-barrada
<i>Piculus chrysochloros</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-dourado-escuro
<i>Piculus flavigula</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-bufador; pica-pau-de-cabeça-amarela; pica-pauzinho-amarelo
<i>Piculus laeostictus</i> Todd, 1937	pica-pau-de-garganta-pintada
<i>Piculus leucolaemus</i> (Natterer & Malherbe, 1845)	pica-pau-de-garganta-branca

**Tabela 1. Continuação** - Espécies de pica-pau do Brasil (adaptado de WIKIAVES, 2025c).

Nome científico	Nome popular
<i>Piculus paraensis</i> (Snethlage, 1907)	pica-pau-dourado-de-belém
<i>Piculus polyzonus</i> (Valenciennes, 1826)	pica-pau-dourado-grande
<i>Picumnus albosquamatus</i> d'Orbigny, 1840	picapauzinho-escamoso; pica-pau-anão-escamado
<i>Picumnus aurifrons</i> Pelzeln, 1870	picapauzinho-dourado; pica-pau-anão-amarelo; picapauzinho-de-testa-dourada
<i>Picumnus buffonii</i> Lafresnaye, 1845	picapauzinho-de-costas-pintadas
<i>Picumnus castelnau</i> Malherbe, 1862	picapauzinho-creme; pica-pau-anão-creme
<i>Picumnus cirratus</i> Temminck, 1825	picapauzinho-barrado; picapauzinho; pinica-pau; pica-pau-anão-barrado
<i>Picumnus exilis</i> (Lichtenstein, 1823)	picapauzinho-de-pintas-amarelas; pica-pau-anão-de-pintas-amarelas
<i>Picumnus fuscus</i> Pelzeln, 1870	picapauzinho-fusco
<i>Picumnus lafresnayi</i> Malherbe, 1862	picapauzinho-do-amazonas
<i>Picumnus limae</i> Snethlage, 1924	picapauzinho-da-caatinga
<i>Picumnus nebulosus</i> Sundevall, 1866	picapauzinho-carijó; pica-pau-anão-carijó
<i>Picumnus pernambucensis</i> Zimmer, 1947	picapauzinho-de-pernambuco
<i>Picumnus pumilus</i> Cabanis & Heine, 1863	picapauzinho-do-orinoco; pica-pau-anão-do-orinoco
<i>Picumnus pygmaeus</i> (Lichtenstein, 1823)	picapauzinho-pintado
<i>Picumnus rufiventris</i> Bonaparte, 1838	picapauzinho-vermelho; pica-pau-anão-vermelho
<i>Picumnus spilogaster</i> Sundevall, 1866	picapauzinho-de-pescoço-branco; pica-pau-anão-de-pescoço-branco
<i>Picumnus subtilis</i> Stager, 1968	picapauzinho-de-barras-finas; pica-pau-anão-de-barras-sutis
<i>Picumnus temminckii</i> Lafresnaye, 1845	picapauzinho-de-coleira; pica-pau-anão-de-pescoço-castanho; pica-pau-anão-de-coleira
<i>Picumnus undulatus</i> Hargitt, 1889	picapauzinho-ondulado
<i>Picumnus varzeae</i> Snethlage, 1912	picapauzinho-da-várzea; pica-pau-anão-da-várzea
<i>Veniliornis affinis</i> (Swainson, 1821)	pica-pau-avermelhado; picapauzinho-avermelhado; pica-pau-fura-laranja
<i>Veniliornis cassini</i> (Malherbe, 1862)	pica-pau-de-colar-dourado
<i>Veniliornis kirkii</i> (Malherbe, 1845)	pica-pau-de-sobre-vermelho
<i>Veniliornis maculifrons</i> (Spix, 1824)	pica-pau-de-testa-pintada; picapauzinho-de-testa-pintada
<i>Veniliornis mixtus</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-chorão
<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-pequeno
<i>Veniliornis spilogaster</i> (Wagler, 1827)	pica-pau-verde-carijó; picapauzinho-verde-carijó

Outro termo derivado do Tupi é carapina, uma adaptação de *kara'pina* [que se traduz livremente como aquele que raspa (a madeira)]. Essa palavra ainda define carpinteiros, com uma óbvia alusão ao trabalho de furar a madeira desses animais. Apesar de tais termos serem aceitos na língua portuguesa, o vernáculo “pica-pau” acabou se propagando. Entretanto, não é incomum ver esses termos aparecendo em registros mais antigos (Figura 1).

Os nomes originários se preservam mais na identificação de lugares. Atualmente há um bairro nomeado Carapina, na cidade de Serra, no Espírito Santo. Há uma única rua Carapina, na cidade de São Paulo (SP). Não foram localizados ruas, bairros e cidades com referência aos ipecus. Já o termo pica-pau, embora não nomeie cidades, dá nome a vários bairros, como o Bairro Pica-Pau, em Campo Grande, cidade do Rio de Janeiro (RJ), ou a Vila Pica-Pau, em Belo Horizonte (MG). Embora o Brasil tenha mais de 106 milhões de logradouros, há apenas 131 com referência a pica-paus (CNEFE, 2022). Destaque para Arapongas (PR), cidade com nome de ave, que contém 19 logradouros homenageando várias espécies de



pica-paus como, por exemplo, a Rua Pica-Pau-do-Campo-Verde e a Rua Pica-Pauzinho-Machado.

Há 16 vias hidrográficas com nome pica-pau, como o córrego Pica-Pau, em Carai (MG), e o rio Pica-Pau, em Monte Alegre de Sergipe (SE). Há apenas um nome geográfico associado a carapina, o riacho Carapina, na cidade de Riacho de Santo Antônio (PB). Há duas serras conhecidas como Serra do Pica-Pau, uma delas localizada perto de Paulo Afonso (BA) e a outra na Terra Indígena Kawahiva do Rio Pardo (MT) (BNGB, 2025). Não há nomes geográficos associados aos ipecus.



Figura 1. Ilustração de um pica-pau retendo o verbete em Tupi. Imagem original: **Guirataeima und Ipecu** (1653-1659) de Eckhout Hoflößnitz.

SENHORES DO FOGO

Se não estão tão presentes nos nomes das cidades, essas aves estavam mais aparentes nos povos indígenas. Pica-paus estão presentes em muitas histórias indígenas e a mitologia de vários povos nativos faz menção a tais aves - em algumas histórias, como as do povo Jabuti, eles são identificados como portadores de um machado para poder furar e cortar as árvores (MINDLIN, 2002). E essa ligação não é só nas mitologias sul-americanas. Desde Ovídio (MACKAY, 1975) muitos mitos foram baseados nessas aves, como, por exemplo, uma associação a Ares, o deus da guerra (GORMAN, 2017). Muitos nativos norte-americanos, como os Iroquais e os Tolowa, usam penas de pica-pau (Figura 2) com relação a poderes de cura.



Figura 2. Foto de um nativo norte-americano da etnia Tolowa usando um adereço de cabeça feito com penas de pica-pau. Imagem original: “Sam Lopez, head-and-shoulders portrait, wearing Tolowa costume including a red-headed woodpecker scalp headdress (...)” (1923), de Edward S. Curtis.

A imagem do pica-pau é muito associada a mitos da origem do fogo. A associação com madeira velha e seca, além da frequente ostentação de cores vermelhas muito vivas, parece fomentar a ligação entre essas aves e o fogo. Em algumas histórias, como as do povo Aruá, o pica-pau era o dono do fogo que foi roubado pela humanidade (MINDLIN, 2002). Há inclusive uma imagem negativa recorrente nesses mitos, com o pica-pau não querendo distribuir seu presente com os homens ou sendo vingativo (MINDLIN & RAMOS, 1996).

ESCUDOS E BRASÕES

Os pica-paus estão notoriamente ausentes em brasões e símbolos municipais/estaduais no Brasil, fenômeno que não é restrito a nosso país pois, embora essas aves estejam até presentes na heráldica ao redor do mundo (Figura 3), sua frequência é bem baixa. Apesar de serem facilmente identificados, não são apresentados com frequência em escudos. Em termos de logomarca, uma notável exceção é uma marca têxtil Reserva, que usa uma silhueta de um pica-pau (SALUM & COLETA, 2018). Por associação direta com a ave, a imagem dos pica-paus está mais presente em logomarcas de madeireiras e carpintarias.



Figura 3. Exemplo de heráldica que usa um pica-pau. Imagem original: brasão de armas do distrito de Volzhsky (Rússia).



Outra ausência considerável na cultura brasileira é entre mascotes e escudos de clubes de futebol. Embora os clubes brasileiros já tenham uma predileção de mascotes baseados na fauna estrangeira (OLIVEIRA *et al.*, 2023), os pica-paus são ainda assim anormalmente incomuns. Alguns clubes menores têm um pica-pau como mascote (DIAS *et al.*, 2016), sendo que o maior deles era o Carajás Esporte Clube, da segunda divisão do Pará. Entretanto, após uma reformulação em 2016, o Carajás passou a adotar um gavião como mascote. Outros clubes de menor escalão, como a Sociedade Esportiva Recreativa Chapadão, de Mato Grosso do Sul, o Jatobá Futebol Clube, do Paraná, e o Torre Sport Club, de Pernambuco, têm um pica-pau como mascote, mas baseado no personagem de desenho animado. Situações similares à do clube de futsal Pica Pau Sport Club, do Amazonas. Em outros países, embora eles também não sejam comuns, há mais registros, como o clube de beisebol estadunidense Fayetteville Woodpeckers e o clube de futebol inglês Woodpecker F. C.

Relevante citação histórica aos pica-paus vem de uma facção militar. Entre 1893 e 1895, no Rio Grande do Sul, estourou a Revolução Federalista. Os castilhistas (Figura 4), seguidores do presidente do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, eram chamados de pica-paus. O motivo do apelido é incerto. As possibilidades são o uso de listras brancas, semelhantes a uma espécie de pica-pau, o uso de um chapéu com um penacho e até o barulho das suas armas. Entretanto, o termo não foi amplamente aceito pelas tropas castilhistas, sendo muitas vezes considerada uma versão pejorativa (NOGUEIRA, 2022). Apesar disso, o termo se expandiu e os apelidos das duas facções (maragatos e pica-paus) se espalharam pela sociedade gaúcha durante e após o conflito (CAYE, 2012).



Figura 4. Foto da tropa presidencialista da Revolução Federalista, conhecidos como pica-paus. Imagem original: “Grupo na Ponte do Rio Preto, Revolução Federalista” (1893), de Zimmermann.



NAS BATIDAS

A presença dos pica-paus é mais evidente nas músicas. Dentro do cancionário brasileiro, suas aparições são mais frequentes proporcionalmente do que em outros aspectos culturais. Um ponto relevante a se notar é que seu nome popular é a união de duas palavras com duplo sentido, o que os torna alvo de piadas e conotação sexual. Além desse aspecto, outras músicas exploram sua imagem. Uma delas, **Pica Pau na Madeira**, da dupla Gino e Geno, diz:

“Feito pica-pau na madeira
Vai bicando, vai bicando a saudade no meu peito”

Essa imagem associada às batidas do bico do animal também aparece na música **Pica-Pau**, de João Gilberto. A música diz:

“O meu coração é um pica-pau
Que bate, bate
E não se cansa de bater
E de sofrer!”

Uma outra música lida com o aspecto mais negativo associado aos pica-paus. Na música **Pica-Pau Papo Amarelo**, de César Oliveira e Rogério Melo, alguns versos mostram uma relação antagônica com as aves e lidam com sua imagem negativa em certas regiões brasileiras. Alguns versos da música:

“Pica-pau papo amarelo
ave de azar do meu pago,
Com a ponta fina do bico
Só vive fazendo estrago
Pica-pau é bicho à toa
É bicho de instinto mau,
Vive atirado em tronqueira
fazendo oco no pau”
(...)
“Destruidor de palanque
De rancho de pau a pique”
(...)
“Pica-pau bicho maleva
nem leva o sol da manhã”
(...)
“É um sinal de mal agouro
Quando avoa e fecha asa
E bate o peito amarelo
Contra a cunheira da casa”

Ainda digno de nota, o músico Nardeli criou a **Canção do Pica Pau**, que, embora seja apenas instrumental, evoca a ave ao incorporar o som semelhante às batidas na madeira no ritmo do forró. Outra música instrumental é o **Chôros n. 3 - Pica-Pau**, feita pelo maestro Heitor Villa-Lobos.

Outras músicas como **Pica Pau**, de Tiririca, **O Pica-Pau**, de Erasmo Carlos, e **Pica-Pau**, da banda Parangolé, fazem alusão ao desenho famoso. Muitas versões de **Funk do Pica Pau** remixam a famosa risada do personagem-título do desenho.



Em relação a poemas musicados, dois são conhecidos e citam aspectos interessantes do animal. Um, chamado **O Pica-Pau**, do repentista Manoel Xudu, diz:

“Admiro o pica-pau
 Numa madeira de angico
 Que passa o dia todim
 Taco-taco, tico-tico
 Não sente dor de cabeça
 Nem quebra a ponta do bico”

Outro, chamado **A Dança dos Pica-Paus**, de Sidónio Muralha, evoca diversas espécies nativas em uma estrutura rimada:

“Estava só
 O pica-pau-carijó
 Mas pousou no terreno
 O pica-pau-pequeno
 Veio para o seu lado
 O pica-pau-malhado
 Saiu do sertão
 O pica-pau-anão
 Trouxe um pirilampo
 O pica-pau-do-campo
 Ficou iluminado
 O pica-pau-dourado
 Vejam como é belo
 O pica-pau-amarelo
 E aqui estão, se quiserem mais,
 Pica-paus-pretos-reais”

WALTER E MONTEIRO

Uma cor com direta associação com pica-paus é o amarelo. A causa é uma série de histórias chamada Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato, além da série de 23 livros, muitas adaptações em diversas mídias, até mesmo uma bem recente, o que ajudou a popularizar o termo. O animal do título era o nome do sítio e sua origem; o animal mesmo nunca apareceu nessas histórias.

Embora toda a obra de Lobato (Figura 5b) esteja cheia de controvérsias, uma que compete aqui é qual seria esse pica-pau. Existe um animal cujo nome popular é pica-pau-amarelo: *Celeus flavus* (Stadius Muller, 1776) (Piciformes: Picidae). Entretanto, a obra de Monteiro Lobato é baseada em Taubaté e adjacências, estado de São Paulo. O pica-pau-amarelo não ocorre na região (WIKIAVES, 2025a). Na região de Taubaté há ocorrência de sete espécies de pica-paus (WIKIAVES, 2025b). O candidato mais provável seria *Celeus flavescens* (Gmelin, 1788), o pica-pau-de-cabeça-amarela. Assim, apesar da imagética em torno do sítio ter sido muito explorada, o pica-pau amarelo foi ignorado.

Inegavelmente, associado ao pica-pau está o famoso desenho animado. Desenvolvido por Walter Lantz (Figura 5a), o personagem *Woody Woodpecker*, criado em 1940, estrelou curtas-metragens e uma série de desenhos animados. O personagem foi baseado em diversas espécies de *Campephilus*, mas posteriormente identificado como *Campephilus principalis* (Linnaeus, 1758) (DA-SILVA & REZENDE, 2018). Primeira animação a ser exibida na história da televisão brasileira e com inúmeras reprises, o desenho se consolidou em diversas gerações (LIMA, 2019). O sucesso estrondoso eclipsou as espécies nativas e o imaginário brasileiro. O efeito desse pica-pau famoso fixou sua imagem ao invés das muitas espécies brasileiras (PACHECO, 1985).

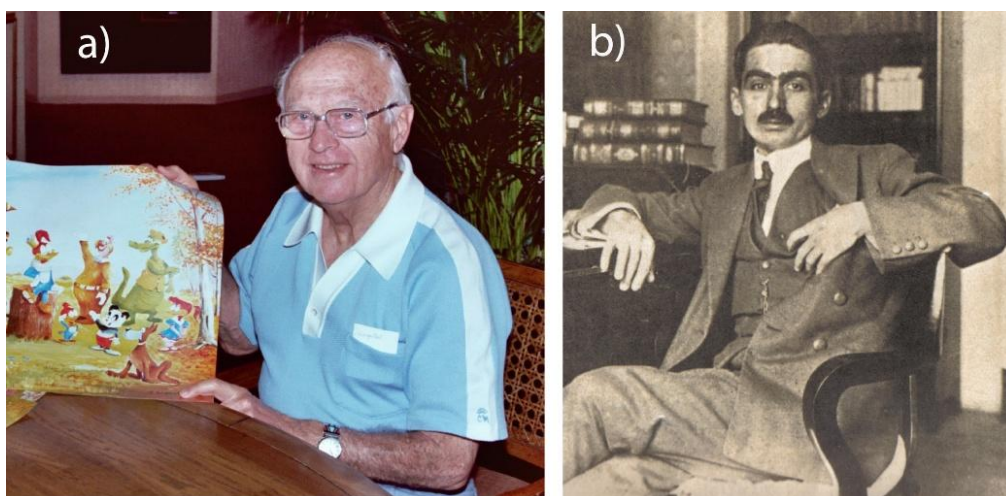


Figura 5. a- Walter Lantz, criador do desenho animado Pica-Pau, com alguns dos seus personagens; b- Monteiro Lobato, criador do Sítio do Picapau Amarelo. Imagens originais: a- Alan Light with cartoonist Walter Lantz (1983), de Alan Light (foto cortesia de Alan Light); b- foto (ca. 1920), publicada na coleção **Nosso Século** (1980) da Editora Abril - volume relativo a 1910-1930, página 186.

AMADOS E ODIADOS

Há algumas lendas e crendices associando os pica-paus a ideias negativas. Há uma crença que o pica-pau seria uma ave agourenta (RIBEIRO, 2002), assim como há uma associação de certos poderes sobrenaturais a essas aves, como o poder de prever o sexo de um bebê na barriga da mãe ou poder de cura (BRÜZZI 1994; GORMAN, 2017). Os danos de suas bicadas em madeiras e postes causam um certo prejuízo e têm associação negativa em certos setores (BEVANGER, 1997).

Em contraste a tal fenômeno, os pica-paus têm imagem positiva para grande parte da população. Muitos se admiram por sua beleza ou até mesmo se fascinam pelo seu comportamento (FARIA LOPES & SANTOS, 2004). Sua imagem inconfundível atrai atenção desde ilustrações naturalistas antigas (Figura 6) até artes recentes. O pica-pau-de-banda-branca [*Dryocopus lineatus* (Linnaeus, 1766)] foi lembrado e votado em 2010 para ser o animal símbolo da cidade de São Paulo, ficando em oitavo lugar (SÃO PAULO, 2010). A popularidade do desenho contribui para que o pica-pau seja admirado e preferido entre as crianças (KALSING, 2011). Apesar do seu baixo número populacional nas cidades e áreas com presença antrópica, seguem muito característicos e admirados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pica-paus são amplamente reconhecidos e identificados na população. Eles estão presentes em todas as regiões, até mesmo em grandes metrópoles. Seu registro no país é antigo, eles estão presentes em livros, músicas e desenhos. Entretanto, o que poderia explicar tamanha escassez de pica-paus no imaginário popular brasileiro? Sua raridade? Sua dependência a árvores e florestas? A sombra causada pelo impacto do desenho estadunidense? Provavelmente uma série de fatores esteja envolvida na inexpressividade dessa família tão relevante de aves.

O impacto causado por isso é um sinal de alerta. Se aves tão facilmente identificadas, conhecidas e até, em certa parte, admiradas não conseguem se infiltrar na cultura, qual é a situação de linhagens sem maior apelo popular? Grupos como insetos no geral têm enfrentado problemas para se fixar como referências culturais benéficas e persistentes na sociedade (COSTA NETO, 2002; ALBUQUERQUE *et al.*, 2022). Nós só preservamos o que conhecemos e só nos importamos com o que sabemos. Assim, precisamos atentar mais para a grande biodiversidade que nos cerca e tentar infiltrar mais sua imagética na sociedade em diversos meios.



Figura 6. Ilustração naturalista de algumas espécies de pica-paus brasileiros. Imagem original: *Picurus cirrhatus*/ *Picus melanochloris*/ *Picus chrysochloris*/ *Picus robustus* (1854), de Jean Théodore Descourtilz, publicado em **Ornithologie Bresilienne ou Histoire des Oiseaux du Brésil**.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M.E.L.; RODRIGUES, N.T.; SANTOS, G.D.O.F. & CASTRO, D.P. 2022. Percepções etnozoológicas de alunos do ensino médio sobre insetos. **Revista Ciências & Ideias** 13(1): 118-140.
- BEVANGER, K. 1997. Woodpeckers, a nuisance to energy companies. **Fauna Norvegica Seria C Cinclus** 20: 81-92.
- BNGB - BANCO DE NOMES GEOGRÁFICOS DO BRASIL. 2025. **Banco de Nomes Geográficos do Brasil** [on-line]. Disponível em: <https://bngb.ibge.gov.br/>. Acesso em: 7 de abril de 2025.



BOCK, C.E. & LEPTHIEN, L.W. 1975. A Christmas count analysis of woodpecker abundance in the United States. **The Wilson Bulletin** 87(3): 355-366.

BRÜZZI, A.A.D.S. 1994. **Crenças e lendas do Uaupes**. Editora Cayambe-Ecuador.

CAYE, M.M. 2012. A imagem dos maragatos através do jornal O Taquaryense no período da Revolução Federalista (1893-1895). **Revista Signos** 33(1): 45-51.

CNEFE - CADASTRO NACIONAL DE ENDEREÇOS PARA FINS ESTATÍSTICOS. 2022. **Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos** [on-line]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/38734-cadastro-nacional-de-enderecos-para-fins-estatisticos.html?=&t=resultados>. Acesso em: 7 de abril de 2025.

COSTA NETO, E.M. 2002. A utilização ritual de insetos em diferentes contextos socioculturais. **Sitientibus Série Ciências Biológicas** 2(1/2): 97-103.

DA-SILVA, E.R. & REZENDE, J.P.M. 2018. Afinal, em todos esses anos nessa indústria vital, quem é o Pica-Pau? / In all these years, in this vital industry, who is Woody Woodpecker?. In: COELHO, L.B.N. & DA-SILVA, E.R. (ed.). I Mostra de Biologia Cultural – Taxonomia e Cultura Pop no Canto das Flores – Resumos. **A Bruxa** 2 (n. especial 1): 35-37.

DIAS, D.V.C.; BRANDÃO, L.D.E.D.; RODRIGUES, H.T.S. *et al.* 2016. As aves como mascotes dos times brasileiros de futebol. **Trilhas Pedagógicas** 6(6): 9-26.

FARIA LOPES, S. & SANTOS, R.J. 2004. Observação de aves: do ecoturismo à educação ambiental. **Caminhos de Geografia** 5(13): 103-121.

FEDUCCIA, A. & MARTIN, L.D. 1976. The Eocene zygodactyl birds of North America (Aves: Piciformes). **Smithsonian Contributions to Paleobiology** 27: 101-110.

GILL, F.; DONSKER, D. & RASMUSSEN, P. 2021. **IOC World Bird List (v 11.2)** [on-line]. Disponível em: [doi.10.14344/IOC.ML.11.2](https://doi.org/10.14344/IOC.ML.11.2). Acesso em: 2 de abril de 2025.

GORMAN, G. 2017. **Woodpecker**. Reaktion Books.

KALSING, C.E. 2011. **A televisão e o vídeo na formação da criança: contribuições e cuidados quanto ao seu uso**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação). Universidade Federal de Santa Maria.

LIMA, W. 2019. **Travessuras de um menino mau e outros ensaios sobre animação**. Editora Horizonte.

MACKAY, T.S. 1975. Three poets observe picus. **The American Journal of Philology** 96(3): 272-275.

MCCLELLAND, B.R. & MCCLELLAND, P.T. 1999. Pileated woodpecker nest and roost trees in Montana: links with old-growth and forest" health". **Wildlife Society Bulletin** 27(3): 846-857.

MINDLIN, B. 2002. O fogo e as chamas dos mitos. **Estudos Avançados** 16: 149-169.

MINDLIN, B. & RAMOS, J.A. 1996. **Sehay Kaat Haria, o caçador de histórias, Narrativas dos Sateré-Mawé do Marau**. Editora São Paulo.

NOGUEIRA, S.H. 2022. O(s) Iberê Camargo: seus brinquedos e carretéis preferidos. **Art&Sensorium** 9(2): 93-105.

OLIVEIRA, R.G.T.; SOUZA, L.L.; GOEBEL, L.G.A. & OLIVEIRA, M.A. 2023. A invisibilidade da fauna brasileira nos mascotes dos clubes de futebol do Brasil. **Revista Areté / Revista Amazônica de Ensino de Ciências** 20(34): e23011.



PACHECO, E.D. 1985. **O Pica-Pau: herói ou vilão?: representação social da criança e reprodução da ideologia dominante**. Editora Loyola.

RAVEN, P.H. & WAGNER, D.L. 2021. Agricultural intensification and climate change are rapidly decreasing insect biodiversity. **Proceedings of the National Academy of Sciences** **118**(2): e2002548117.

RIBEIRO, P.S. 2002. **Folclore: similaridades nos países do Mercosul: lendas, mitos, religiosidades, medicina e crenças do povo**. Editora Martins Livreiro.

SALUM, F. & COLETA, K. 2018. [RESERVA RETAIL STORE CASE]. **Practical Community in Business Model** [on-line]. Disponível em: <https://shorturl.at/lc6sT>. Acesso em: 14 de Maio de 2025. DOI: 10.13140/RG.2.2.29796.65921

SÃO PAULO - CIDADE DE SÃO PAULO. 2010. **Animal silvestre símbolo de São Paulo é revelado** [on-line]. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/meio_ambiente/w/noticias/23420. Acesso em: 3 de abril de 2025.

WIKIAVES. 2025a. [Mapa de registros da espécie *Celeus flavus*]. **WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil** [on-line]. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/pica-pau-amarelo>. Acesso em: 6 de abril de 2025.

WIKIAVES. 2025b. [Registros de espécies em Taubaté (SP)]. **WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil** [on-line]. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/especies.php?&t=c&c=3554102#>. Acesso em: 6 de abril de 2025.

WIKIAVES. 2025c. [Picidae]. **WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil** [on-line]. Disponível em: [https://www.wikiaves.com.br/wiki/picidae?s\[\]=picidae](https://www.wikiaves.com.br/wiki/picidae?s[]=picidae). Acesso em: 14 de maio de 2025.



Publicado em 29-09-2025

Licenciado sob a Creative Commons Atribuição–NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

MADEIRA !



Foto: Cesar Nascimento Francischetti - @cnfrancischetti